

Burke Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula – 2ª ed.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

O QUE É HISTÓRIA CULTURAL? - Peter Burke
(Resumo ampliado: Isabel Pacheco)

Objetivo do livro: Explicar a redescoberta da História da Cultural e discutir, afinal o que é História Cultural?

Introdução - O Livro de Peter Burke trata da redescoberta e importância da História Cultural a partir dos anos de 1970. A História Cultural dedica-se as diferenças, debates e conflitos das tradições compartilhadas em culturas inteiras. Depois da guerra fria os conflitos se norteiam para um “choque de civilizações”, isso segundo Samuel P. Huntington (p. 8). Mas afinal o que é História Cultural? Para o alemão Karl Lippert (1897): as fronteiras são cada vez mais difíceis de definir. Uma solução seria o método mais isso também é difícil, mesmo utilizando um *foco*: a busca de significados, práticas, representações, símbolos; *uma linguagem*: descritiva – narrativa – pouco quantitativa. A saída para Jean Paul Sartre é dizer que a História Cultural não tem essência, mas tem história própria assumida por americanos e alemães, embora os ingleses tenham resistido e os franceses preferido a história das civilizações, mentalidade, imaginário, e hoje já haja menos resistência:

Cap. 1 - A grande tradição (p. 15). Para fins didáticos pode-se dividir as fases da HC em: História Clássica de 1800 a 1950 - História Social da Arte de 1930 e 1940 - redescoberta da História Cultural Popular em 1950 e 1960 e a Nova História Cultural a partir dos anos 70. No período da História das culturas clássicas, desenvolve-se na Alemanha – uma unidade mais cultural que política – a ênfase nos estudos do “espírito da época” ou “história de mente” estudando temas como símbolos, sentimentos e formas. Max Weber (sociólogo, 1904) estuda a ética e o espírito do capitalismo com o objetivo de dar uma explicação cultural a mudança econômica. Norbert Elias (sociólogo, 1939) se ocupa do processo civilizador com a história do “modo á mesa”, e enquanto Aby Warburg (não acadêmico) estuda os detalhes sobre o Renascimento, Ernst Gombrich (1960) a relação entre “verdade e estereótipos” “formula e experiência”. Em 1930 há uma fuga dos cientistas para Londres e EUA onde a palavra “civilização” era mais usada que cultura e em 1939 Perry Miller (EUA) estuda História das idéias.

Em Londres e EUA com a diáspora dos intelectuais alemães, desperta-se para os estudos sobre a relação de cultura e sociedade (p. 26), e Arnold Hauser (marxista) dedica-se a história social da arte (1951). Em 1960 a História Popular faz a descoberta do povo e Eric Hobsbawm (com o pseudônimo "Francis Newton") escreve a história social do jazz. Em 1963 é A formação da classe operária inglesa de Edward Thompson que marca o lugar da cultura popular para explicar as mudanças econômicas e influencia efetivamente os historiadores e estudiosos da história cultural (p. 30). Somam-se a isto as publicações dos Annales de Jacques le Goff e Jean-Claude Schmitt.

As preocupações da história da cultura popular são explicadas pela ausência destas nos estudos da História cultural e é Stuart Hall do Centro dos Estudos Culturais Contemporâneos que lança críticas a ênfase na alta cultura. Enfim, será a história cultural e a cultura popular que levantará problemas que não se podia mais escamotear.

Cap. 2- Problemas da história cultural (p. 32) - As fontes e seu tratamento, os métodos e as conclusões que tem confiabilidade relativa, pois são produzidas e selecionadas com alto grau de condicionamento sendo assim, acusada de impressionista.

As possíveis soluções: 1) estudo do serial com a análise de uma série cronológica de documentos (longo tempo); 2) para os textos: análise de conteúdo - frequência de dado tema, palavra, relações, associações - mas tem problemas de significativos diferentes, mesmo para os que praticam a "análise do discurso".

As críticas dos marxistas é que a História e cultura "ficam no ar", falta relação com a base econômica ou social, subestima-se a homogeneidade cultural e os conflitos de culturais distintas numa mesma sociedade. Crítica dos marxistas culturais por seus colegas por colocar cultura na base: a) chamados de culturalistas, pois colocam a cultura como superestrutura ao contrário dos economicistas (p. 37).

Antonio Gramsci: a classe dominante não controla só pela economia, também por suas idéias, mas como não colocar a cultura como hegemônica? Resposta: estudar as tradições culturais e a cultura erudita e popular como subculturas, mas tudo se modificam e isso é problemático (p.40) Como distinguí-las, isso nem sempre é definido. Georges Duby (historiador francês) propõe um movimento para cima e para baixo, dos objetos e práticas culturais (p. 42). Afinal o que é cultura? Modificações e ampliações desde o início do séc. XX "o todo complexo que inclui conhecimento, crença..." (Ler p. 43).

Cap. 3- A vez da antropologia histórica (1960-90) A aproximação da antropologia dos historiadores da cultura e da econômica destacam a importância dos valores para explicar a produção, acumulação e consumo; em verdade todas as áreas passam a considerar a questão cultural. Os historiadores foram influenciados por este conceito no plural: culturas (p. 46).

Jonh Elliott (historiador político) assim como Roger Chartier renderam-se a nova história cultural e as explicações culturais entram para discussão de todos os temas. É a hora da antropologia histórica, até a URSS com Aaron Gurevich voltou - se para antropologia e mesmo Claude Lévi-Strauss com seu “estruturalismo” estuda os elementos do sistema cultural ou social. Geertz amplia o termo cultura (p.52) e influencia a muitos como Robert Darnton em o Massacre dos Gatos (1984) que narra acontecimentos em Paris usados para entender as relações sociais da época de 1730 com sua interpretação dos significados e dramas sociais em oposição a função social dos costumes (p. 54). Nesse rol da história cultural do final do século XX ainda tem: Le Roy, Daniel Roche, Lynn Hunt, Carlo Ginzburg que vão estudar cultura e sociedade sem reduzir uma apenas a reflexo da outra.

Ainda na década de 1970 desenvolve-se a discussão entre macro-história e micro-história, esta última como reação às explicações das “narrativas grandiosas” e generalizações dos processos da “civilização ocidental”. Além de ser reação à globalização em favor da cultura regional e local, a exemplo de Le Roy Montaignou - história de uma aldeia de pireneus e Ginzburg em “O queijo e os vermes” – história de Menocchio, homem do povo suspeito de heresia, e sua visão instigante do mundo. Da aldeia ou do indivíduo, a micro-história chamou atenção para especificidades locais, mas não se estabeleceu de forma efetiva. Nesse mesmo bojo estão os estudos sobre a história das mulheres (p.67).

Cap. 4- Um novo paradigma? A Nova História Cultural (NHC) é hoje um novo paradigma de pesquisa e sua ascensão é conhecida como “teoria cultural”. A teoria cultural tem seu reforço em teóricos como: Jurgen Habermas, Mikhail Baktin, Norbert Elias, Michel Foucault, Pierre Bourdieu. (p.71-76). Vejamos as variedades da NHC: 1) de Mikhail Baktin - conceitos de “carnavalização” e “subversão” penetração da “alta cultura pela baixa” e as muitas vozes de um texto – “polifonia”. 2) de Norbert Elias os conceitos de “processo civilizador”, embora criticado, foi usado nas pesquisas dos historiadores. 3) de Michel Foucault – conceitos dos contrários: “progresso e evolução”, pensou as discontinuidades culturais e “rupturas” e a idéia de “invenção da cultura”, de “redes” de idéias e pensamentos de dado período, bem como “as práticas” no nível “microfísica do poder”. 4) de Pierre Bourdieu - idéia de “reprodução cultural” – “teoria da prática”, de “habitus” que é diferente de regras, emprego de bens, produção e capital ligado à

cultura e a teoria da “estratégia de distinção cultural” para afirmar a identidade social.

Outros paradigmas da NHC: a) estudo das *Práticas* - a exemplo das práticas religiosas diferentes da teologia; da fala diferente da lingüística; do experimento diferente da teoria e graças a isto profissionalizou-se muitos temas como: esportes, maneiras a mesa, consumo, fala, viagem, leitura etc (p.78); b) estudos das *Representações* - a construção do imaginário social, reflexo das estruturas sociais e a criação das idéias e das representações da natureza, da nação, do outro sobre a mesma “realidade” (p. 84); c) *A História da memória* - outra forma de NHC e a história da memória a reação aceleração das transformações sociais que ameaçam a identidade, embora saiba-se que as memórias serão sempre distorcidas e contaminadas pela cultura, por grupos diferentes, por momentos diferentes (p.88); d) o estudo da *cultura material* - os estudos dos objetos para percepção de mudanças e relações sócio-culturais com os temas sobre: alimentos, vestuários, habitação, como formas de identificação cultural, posição social e representação dos grupos em dado tempo e de como são a casa, a gastronomia, a cidade, os prédios e suas funções, são temas que cada vez mais do interesse dos historiadores (p. 90); e) Outro domínio da NHC é a *história do corpo* - identificação dos elementos culturais nos aspectos físicos como a carga simbólica dos gestos, higiene, etc., tidos como insignificantes, mas suas diferenças tem seus significados sim e aqui, aliado a história de gênero e a história do corpo, mantém o interesse para superação da dicotomia mente e corpo (p. 94).

Assim, a revolução na história cultural (NHC) desenvolveu-se a partir da antropologia história e suas principais figuras são: Natalie Davis, Jaques Le Goff e Keith Thomas e embora criticada, os pressupostos teóricos da NHC e das representações coletivas como construções culturais da realidade, mantêm-se em sua ênfase (p.97).

Cap 5. Da representação à construção (p. 99) – Há um deslocamento da história cultural para a “história cultural da sociedade” e para construção da realidade criada, onde a linguagem já não é tanto o reflexo o objeto e as histórias têm uma variedade tão diversa quanto os pontos de vista escolhidos: “vista de baixo” “a visão dos colonizados” “a visão dos derrotados” “classes subalternas” “das mulheres” etc. É a invenção da realidade e o fim do determinismo.

E sobre as variáveis desse construtivismo pode-se ver: a) A **reutilização** de Michel de Certeau que estudou as práticas das pessoas comuns, sua criatividade e sua inventividade nas apropriações como “táticas” de manobras no consumo das idéias e objetos (p.102); b) A **invenção da invenção** como sendo a “construção - imaginação”, mas, se Foucault e Certeau estão certos sobre construção cultural, então toda história é cultural e tudo seria uma invenção: nações, regiões, etc; c) as **novas construções**: o passado, segundo White, seria uma construção

de enredo dada a visão do historiador: classe, gênero, casta, tribo e até etnia aparecem como termos cada vez mais flexível e negociável (p.106).

A exemplo do termo “classe”, é cada vez menos uma categoria objetiva e torna-se um construto cultural, histórico ou discursivo. Como gênero: masculino e feminino são visões diferentes a depender do grupo e as distinções de masculinidade e feminilidade como modificadas historicamente; d) outra variável do construtivismo a construção das comunidades que tem seu marco com o livro *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson e estuda a influência da cultura na política, a chamada “cultura do nacionalismo” e da imaginação para as novas comunidades (p.110). Também há o conceito de “invenção da tradição” de Hobsbawm que afirma ser muitas tradições, dita como antigas e são recentes e inventadas (caso da Inglaterra e seus rituais reais). Embora não determinante, as tradições podem ser adaptadas ou relidas a exemplo das tradições nacionais.

Sobre a *construção da monarquia* como na construção da nacionalidade são usadas as festividades, coroações, casamentos, funerais, procissões religiosas, paradas militares para afirmações de unidade nacional, com feito na Rússia e Japão (p.113).

Em “Fabricação do Rei”, Burke analisa os rituais teatrais do rei Luiz XIV, do seu cotidiano usado para difundir uma mensagem ideal de poder ou acessibilidade do rei e uma imagem pública do rei, uma performance de sua representação nas diversas situações.

A construção de identidades individual desperta também interesse à medida que representa um eu forjado no coletivo, além das biografias como construção de identidade para si mesmas. E a chamada “virada performativa” e modelo dramaturgico. Fala-se de performance de consensos, das festividades, performance de nacionalismo, da história ou da memória, performance da linguagem, da metáfora que não só expressa, mas ajuda a criar a identidade, ainda e performance como o contrário de regras culturais sendo os *improvisos* de recriação e de conflito dos significados. Igualmente a ascensão do ocasionalismo - idéia de distanciamento das regras fixas, respostas flexíveis as “lógicas” sociais a exemplo do tipo de linguagem ou gesto para cada tema, cargo ou ocasião (p.125).

Há também o conceito de *desconstrução* a categoria de que em cada tempo os historiadores constroem sua projeção de valores sobre o do passado. A chamada mito-história como a “invenção da América” construção de um continente (p.127).

Então o construtivismo é antagônico a visão simplista da identidade, embora crie problemas cuja solução ainda esta longe de ter respostas para questões como: que restrições se constroem? A partir de que? Ou seja, há uma “criação contínua” da cultura a partir de elementos velhos e novos?

Cap. 6- Além da virada cultural? A nova história e a NHC já teve produção inovadora, declinou nos anos 90 e agora se consolida e mesmo mediante sérias críticas de tentativas de reaproximação do tradicional ou ser radical. Uma coisa parece certa: não se poderá retroceder no tempo e prever as tendências de expansão ou retração, não é seguro. O Retorno a Burckhardt e sua história cultural tradicional ainda persiste nos estudos da alta cultura, mesmo com o ainda entusiasmo pela cultura popular que também coexistirá. Os deslocamentos e ênfases da NHC acontecem a exemplo de “O queijo e os vermes” de Ginzburg que foi contribuição importante para história cultural.

Outras extensões da NHC são os estudos da história cultural da política, da violência e as emoções. A cultura e a política estão presentes em muitas produções sobre os simbolismos das monarquias e governos nacionalistas (Vargas no Brasil é exemplo). É a chamada “cultura política” de Lynn Hunt que trata da Revolução Francesa e seus comportamentos políticos, além Thompson, Levi Strauss, Foucault e Derrida que se dedicaram ao tema. Temos, também, Shahid Amim sobre a imagem de Gandi na “consciência camponesa” (p. 134).

O movimento de formação dos grupos de estudos dos subalternos na Índia e depois na América Latina, Irlanda, serve de exemplo da expansão da NHC, além de ter ainda para ser desenvolvidos temas como mídia, notícias, etc.

Quanto a cultura da violência, trata da guerra como culturalmente construídas, e seus efeitos na própria cultura mais que o determinismo militar. A violência hoje chama atenção para seus simbolismos, seus participantes e ideologias religiosas ou não, seus tumultos coletivos como rituais de limpeza e purificação da comunidade. Igualmente sobre a cultura das emoções, os historiadores da NHC se despertam para o “espírito das épocas” e a história das emoções, das lágrimas, do amor, da inveja, da crueldade, do choro, do medo, temas inconcebíveis antes de 1980. Mas estudar a mudança no “estilo emocional” dos EUA, a psicologia das emoções, como uma virada performática - necessita credenciar-se historicamente - fugindo da especulação. Paralelo a isto vem a história cultural da percepção, visão, olhar, do som, da música enfim dos sentidos, a exemplo de Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala quando descreve os adores dos quartos, Alain Corbim com “Sabores e odores” (1986) e “Esteja a Gosto” de Simões (2004). Fala-se de uma *vingança da história social* como reação à expansão da NHC sugerindo-se que ela foi longe demais, que tem problema de subjetividade, de definição, de método e fragmentação, além dos limites próprios do construtivismo. Conflitua-se a História Social X História Cultural e um gênero híbrido “Sociocultural” tende aparecer, embora o autor defenda a preservação do termo “cultural” para os fenômenos e “social” para sua história (p.146). De qualquer forma há problemas na relação entre cultura e sociedade e não se pode perder de vista

as estruturas políticas e econômicas. Como a Nova História a NHC se ampliou. Novos objetos, novos problemas, novas abordagens, novas fontes, mas tudo carece de definir métodos: se observação, quantitativos ou não. A fragmentação é outra questão da cultura como base de conflitos dos grupos sociais ou de indivíduos, e se o estudo desses grupos pode sustentar conclusões gerais. Será isso permitido ao historiador, como fez Darnton em “Massacre dos gatos” (p.150).

As fronteiras e encontro. Há uma tentativa de romper á fragmentação com o conceito de “fronteira cultural” - a questão é de onde se olha cada “área cultural” , como fazer as distinções, como tratar os grupos fluidos entre estas fronteiras e as “zonas de contrato” convivência de opostos “cultura híbrida”. Uma saída é tratar como encontros culturais – a exemplo do que se usou para as comemorações dos “500 anos do descobrimento” da América - dando-se ênfase a “visão dos vencidos” na adaptação dos dominadores ou fazendo-se a tradução cultural, etc (p. 151).

A Narrativa na História cultural: antes ligada à visão tradicional, a narrativa volta para dar voz as pessoas comuns, histórias de vida, narrativas culturais sua estruturas e versões que infere sobre a percepção do leitor. O desafio é fazer isto sem dar a história um enredo triunfalista e enfatizar a crítica e o conflito de visões e de sentido de cada narrativa (p.157).

Conclusão: Segundo o autor, em sentido preciso não é possível concluir este livro. Considera-se então que: - A NHC pode está chegando ao seu fim; mas a trajetória da história cultural ainda esta em progresso. - Os problemas continuam sem soluções e novos surgirão. - Historiadores culturais e sociais ampliam seus territórios. - Não há uma defesa de que a história cultural é a melhor forma de história, mas necessárias são as suas contribuições. As reações são fortes, mas precisa-se garantir seus ganhos. - Qualquer que seja os resultados não se pode voltar a pura visão positivista dos documentos históricos de uma compreensão literal onde não se destacam os simbolismo (p.164).

Posfácio: Sobre a História Cultural no século XXI: no fim da publicação deste livro houve várias publicações em HC e se constatou dez introduções ao assunto. Em 2004 o Social History lançou a revista Cultural and Social History. Em 2007 fundou-se a Society for Cultural History, mas estes movimentos não são uniformes e sim, irregulares. Há resistências em vários países, mas nos EUA floresce a história cultural de tudo: do corpo, das idéias, da identidade nacional, da limpeza, café, clima, pêlos, memória coletiva, símbolos nacionais, etc. Uma série de comunidades imaginadas proliferou em várias nações. Desenvolve-se um hibridismo entre

história cultural e intelectual (das idéias) – os debates culturais prosseguem as hibridizações e circularidades culturais (p.169). São alvos de produções ao lado de estudos sobre “tradução cultural” tão útil aos historiadores.

Vizinhos da HC - A história cultural não é monopólio dos historiadores. É multidisciplinar, por isso é tão difícil dizer o que é história cultural. As invasões de fronteira e território são comuns com a história literária, da arte e antropologia, tomando emprestados destes seus conceitos (p.170). Também da sociologia, folclore, geografia, arqueologia, ecologia etc. Além disso, a HC se aproxima dos conceitos de “performance social”, “construção cultural”, “tradição”, “herança”, “construção cultural dos espaços”, “antropologia cultural” e “arqueologia cultural”, esta última não seria outra coisa se não cultural. Como projeção, até a ecologia se aproxima da HC (p. 171). O movimento dos estudos culturais segue, não sem ameaças de serem engolidos por estudos gerados a partir dele com o “estudo da memória” - com crítica de serem excludentes ao estudar apenas a alta cultura ou a popular.

Põe-se a cultura em questão e a HC nasce do conflito da “guerra da cultura” e da rejeição a cultura do “homem brancos mortos” em contraponto aos afros americanos e do estudo das mulheres na história. Segue-se, assim, o embate sobre o multiculturalismo, termo que pressupõe diversas culturas em um mesmo espaço, incentivadas a conservar suas identidades. Debate longe de se definir a exemplo das mulheres negras obrigadas a usar tranças e as louras proibidas de fazê-lo (p.178). As questões são: onde estão as fronteiras culturais e o que é autenticidade cultural? Tudo seria então, mais ou menos homogêneo, mais ou menos flexível, mais ou menos distinto. Os historiadores culturais não resolverão os problemas, mas podem permitir pensa-se nessas questões mais lucidamente e criar aproximação das pessoas, abrindo vias de compreensão entre elas, como disse Gilberto Freyre.

Observação pessoal: o uso do termo *hibridismo* de Néstor García Canclini e *circularidade cultural* de Carlo Ginzburg sem dizer de quem são.

Burke Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula – 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.